

É proibido ter ilusões; é abrir ou explodir.

É proibido ter ilusões.

12 AGO 1987

A situação, ainda que se venha a segurar a inflação um pouco abaixo do que estava antes do Plano Bresser, continua sendo dramática e angustiante. Ainda que em julho se tenha registrado, como se diz no jargão mais recente da burocracia econômica, "uma bolha de consumo", ela foi absolutamente efêmera, fruto da ilusão que o congelamento de preços cria momentaneamente e, novamente, da queima de parte da poupança. Ao contrário do que afirmou o presidente José Sarney em sua entrevista de sexta-feira passada, não houve em julho um saldo positivo de Cz\$ 10 bilhões nos depósitos das cadernetas, mas uma perda de três bilhões. Na primeira semana de agosto as grandes lojas e supermercados já emitiram os primeiros sinais de redução das vendas, depois da euforia julina.

O retrato mais real deste quadro pode ser tirado da cruel redução de 40.750 empregos no setor industrial paulista em julho, a maior queda já verificada desde que a Fiesp iniciou este tipo de pesquisa em 1971.

O Brasil não tem alternativa para o enriquecimento à outrance. Sem um minuto a perder. A redução dos gastos do governo para que o déficit público chegue aos visados 3,5% do PIB é sonho que não precisava nem ser desfeito pelo que revelou outro dia o secretário paulista Alberto Goldman a respeito do novo fator de peso sobre o déficit federal que é o déficit inédito do Estado de São Paulo. A administração pública continua gastando à tripa forra: o rombo de caixa do Tesouro Nacional, contido até então — foi de Cz\$ 20 bilhões em junho —, repetiu mais ou menos esse número em julho e pode pular para cerca de Cz\$ 30 bilhões agora em agosto. No Ministério da Fazenda projeções reais indicam que o déficit vai ficar mesmo perto dos 5% do PIB.

As provas de que a pobreza da população do País — com a oitava economia do mundo e tudo — é absolutamente vergonhosa estão aí diariamente nos jornais: são os recordes mundiais de criminalidade que o Rio de Janeiro vem batendo seguidamente; é a receptividade que a Igreja Peçonhenta do Brasil encontra para espalhar sua peçonha e promover a convulsão social num Estado antes tão próspero como o Rio Grande do Sul; e é, principalmente, a audácia do governo em oferecer uma esmola de Cz\$ 250 para a imensa maioria dos assalariados brasileiros. (Não falemos do Nordeste...)

Os diletantes do esquerdismo poiriano do PMDB não têm muita noção do que estão dizendo quando afirmam que o FMI é palavra porque o FMI significa recessão (com suas mazelas, desemprego e pobreza) e nós não abrimos mão do crescimento. Recessão é o que estamos vivendo neste momento e pobreza é o que está aí ferindo os olhos de todos. A moratória não interrompeu a fome do povo... Quanto ao crescimento — aprendam os basbaques peemedebistas —, ele tem como premissa básica o investimento, não surge por geração espontânea.

E, como já mostrou o ministro Bresser Pereira e o presidente José Sarney repetiu sexta-feira, a capacidade de investir do governo é zero e a dos empresários privados é pouco mais do que isso, assim mesmo se houver estímulo (e não houver desestímulos como novas taxações). Só a capacidade de investimento do capital estrangeiro é praticamente ilimitada; mas nós não vamos conseguir atrair esses dólares se não oferecermos os mesmos atrativos que oferecem dezenas de países mais felizes do que nós porque já neutralizaram a influência nas suas políticas econômicas das minorias burras que se dizem nacionalistas e optantes do social (estatizantes). Países como Portugal, por exemplo, que obrigam suas Conceições a irem fazer discípulos onde a burrice nacionalista aliada à cornucópia estatal ainda é uma força respeitável.

A capacidade de poupança do Estado é zero, como diz o ministro da Fazenda, usando um eufemismo para não dizer que o Estado está falido; mas a falência é uma realidade. É uma realidade nas contas de luz falsificadas da Eletropaulo, é uma realidade nos quase Cz\$ 40 bilhões (quase um bilhão de dólares) de prejuízo da Petrobrás num semestre, ainda que as tarifas de eletricidade, os preços dos combustíveis, etc., etc. e tal, os preços do governo, enfim, tenham sofrido seguidos e astronômicos aumentos neste ano (mais de 500% os combustíveis e quase 300% a energia elétrica de março para aí), e outros mais astronômicos estejam sendo estudados, ainda que a maioria da população já não possa pagar os atuais. Tudo isso enquanto já se começa mais uma campanha sinistra para tirar do setor privado, na forma de novos impostos, mais recursos para jogar no buraco sem fundo descrito com tanta eloquência por alguém tão insuspeito como esse cidadão engajado na estatolatria marxista que se chama Alberto Goldman.

Não vamos embarcar na ilusão que costuma "desbaratar" o presidente da República sempre que um congelamento de preços disfarça um pouco nossas aflições cotidianas. Não há Plano Bresser, não há Programa de Controle Macroeconômico, não há meta de crescimento que possa ser atingida, sem investimento. E, repetimos, no Brasil não há capital de investimentos nem no setor público nem no privado que dê para deter a recessão. O que dirá para fazer o País enriquecer no ritmo necessário para que ele não venha a explodir?

Não nos deixemos iludir pelas elucubrações mais ou menos herméticas dos jornalistas especializados a respeito do jogo das negociações sobre a dívida externa. A verdade é que não temos o menor cacife para suportar qualquer mão perdida nesse jogo. Temos que encontrar um acordo razoável, sem a arrogância estúpida e às vezes criminosa da estratégia do sr. Dilson Funaro. Não para continuar tentando obter nesse terreno o capital de que necessitamos para matar a fome de nossas crianças, mas sim para criar as condições para que o capital estrangeiro de investimento possa entrar aqui com a abundância com que está irrigando as economias de países como Espanha, Portugal, Coreia do Sul, Formosa e tantos outros que já se convenceram de que soberania do tipo da que é "vendida" por Fidel Castro, Khomeini ou Khadafi não é a que interessa "comprar".

Se não desejarmos mergulhar definitivamente nas trevas do obscurantismo católico-nacional-estatizante só há uma opção possível: transformar em uma política solidamente implementada toda a oratória do presidente José Sarney em suas entrevistas à imprensa, sobre a necessidade de abrir a economia brasileira e recuperar o tempo que já perdemos no campo do progresso tecnológico.

O resto são devaneios provocados pelos vapores do poire.